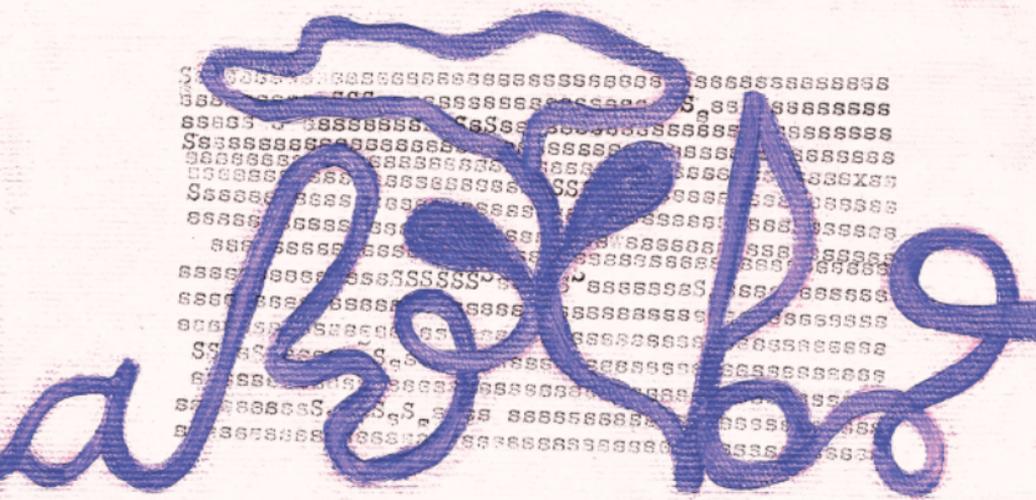


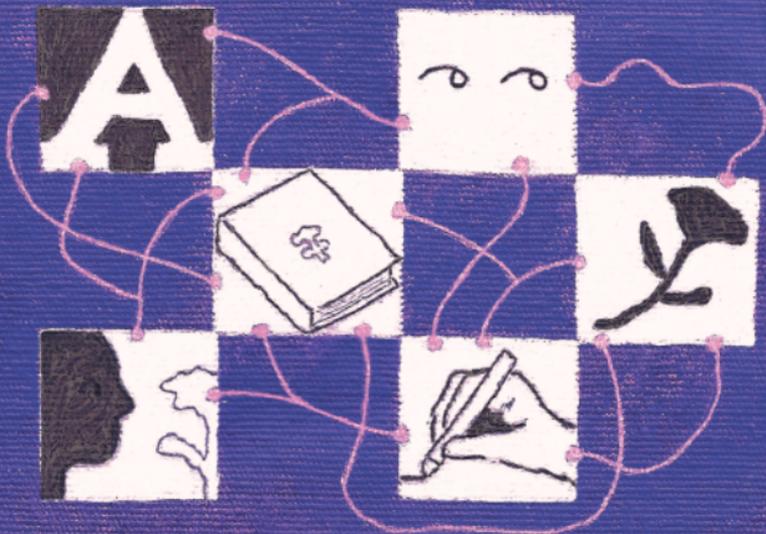
# Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 138 MAIO DE 2023 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



## DE PRÓPRIO PUNHO

De manuais de criação a relatos íntimos e biográficos, os livros sobre a escrita estão no imaginário de leitores e autores de diferentes gerações



# Índice

- 3** ESPECIAL  
**Livros de livros**  
Hiago Rizzi
- 11** ESPECIAL  
**Prateleira**
- 14** ENTREVISTA  
**Raízes que ecoam**  
Marília Garcia  
por Luiz Felipe Cunha
- 25** POESIA  
**Falta e outros poemas**  
Daniele Rosa
- 30** TRADUÇÃO  
**Ode à errância**  
Adonis  
por Michel Sleiman
- 42** CRÔNICA  
**Um curto, por favor**  
Kalil Sayão Perusso
- 46** FOTOGRAFIA  
**Vozes da cidade**  
Enzo Giordani
- 58** CONTO  
**A máquina do tempo**  
Basílio Baran



# Livros de livros

Hiago Rizzi

## Autores e pesquisadores de obras literárias trabalham com a escrita sob diferentes perspectivas e abordagens

No início dos anos 1980, no sótão de um casarão na rua Sete de Setembro, em Curitiba, Cristovão Tezza lia pela primeira vez um texto do filósofo russo Mikhail Bakhtin. Ou melhor dizendo, tateava uma leitura — com a ajuda de uma amiga, traduziu do francês um capítulo de *O Discurso no Romance* (1975), que faria de Bakhtin uma referência essencial para sua atividade como escritor.

Esse breve relato consta nas primeiras páginas de *O Espírito da Prosa: Uma Autobiografia Literária* (2012), o livro sobre livros feito por Tezza. De manuais mais técnicos de criação, passando por entrevistas e conferências até relatos íntimos e biográficos de autores, as obras que se voltam a outras obras ou ao ato da escrita estão no imaginário de leitores e escritores de diferentes gerações, permeando várias categorias e subgêneros.

“Esses livros flertam com as formas biográficas e autobiográficas. A minha hipótese é a de que leitores saciam a curiosidade pela vida do escritor que admiram e pelo seu fazer literário”, afirma Marcella Guimarães. Com formação em História e Letras, a pesquisadora da Universidade Federal do Paraná trabalha, entre outros temas, com literatura medieval, onde registros biográficos já estavam presentes.

Para Marcella, livros como o de Tezza ou *Um Teto Todo Seu* (1929), de Virginia Woolf, prolongam o prazer da leitura e também são importantes por oferecerem a experiência do fracasso e do equívoco — da existência em sua complexidade e motivações. “Quando me volto a esses homens e mulheres, estou interessada no que os motivava. E o que os motivava nos integra como experiência histórica”, evidencia.

Do outro lado do balcão, escritores e aspirantes podem buscar as crônicas de autores consagrados porque — como disse o Nobel de Literatura Orhan Pamuk — alguns livros falam o que já sabemos, mas não sabemos que sabemos. A identificação durante o processo criativo é a aposta da escritora e professora de criação literária Leila de Souza Teixeira — entre os cerca de dez livros usados em cada uma de suas oficinas, figuram títulos como *Cartas a um Jovem Escritor* (1997), de Mario Vargas Llosa, e *Palavra por Palavra* (1994), de Anne Lamott.



Guilherme Pujos

### ➤ Cristovão Tezza

“Quando alguém me procura com bloqueio criativo, recomendo uma leitura teórica. Todos usam a técnica na escrita”, indica a gaúcha, autora de dois romances. O interesse pelos livros sobre livros tem paralelo com as oficinas que existem no Brasil desde meados da década de 1980. Nos anos 2010, os encontros tiveram um *boom*, intensificado pela pandemia do coronavírus — como mostrou a reportagem especial do **Cândido** n° 111, em outubro de 2020.

## Meias-palavras inteiras

O carioca Leonardo Villa-Forte também se valeu das oficinas de criação literária. Seu primeiro romance, *O Princípio de Ver Histórias em Todo Lugar* (2015), retrata justamente um grupo de escritores e as histórias desenvolvidas por eles em uma oficina de escrita. Ele também publicou um livro de contos, mas ganhou notoriedade pelas narrativas curtas compartilhadas no blog *Mix-Lit — O DJ da Literatura* que, como o nome sugere, são feitas a partir de colagens de outros textos preexistentes.

Não há uma intenção predisposta nesses escritos, a única autoimposição é não incluir nada novo ao material coletado. “Querida chegar a textos que não declarassem exatamente a maneira pela qual eles foram feitos. Aos poucos fui notando que um tema recorrente era a relação entre pais e filhos — não sei o porquê, mas talvez tenha a ver com estar produzindo textos que são filhos de outros textos”, analisa Leonardo.

Em 2019, como fruto da pesquisa de Mestrado, ele publicou o livro *Escrever Sem Escrever: Literatura e Apropriação no Século XXI*, que recebeu Menção Honrosa do prêmio cubano Casa de Las Américas 2020, na categoria Literatura Brasileira de Não Ficção. A obra investiga como a literatura contemporânea tem refletido as noções de montagem, mixagem, deslocamento e expansão, presentes com mais desenvoltura em outras linguagens, como a música e as artes visuais.

Embora no Brasil já houvesse uma “tradição de ruptura” e experimentação — como na antropofagia modernista, por exemplo —, num primeiro momento, Leonardo se amparou em referenciais norte-americanos, precursores da internet e de estudos sobre o hipertexto. A escolha pelo título pondera o conceito de escrita não-criativa, muito presente como diferenciação da escrita criativa nos Estados Unidos.



## ► Leonardo Villa-Forte

“Não precisamos ser tão radicais no Brasil porque não temos uma cultura cuja ideia de pureza seja marcante. As obras brasileiras costumam trabalhar com a coletividade”, diz, mencionando Veronica Stigger e Angélica Freitas como exemplos de autores que usam textos da internet ou da rua em suas obras. Agora, Leonardo vem retrabalhando as narrativas breves do *Mix-Lit*, com a intenção de reuni-las em uma publicação.

### Diários revoltos

Maria Gabriela Llansol escreveu todos os dias por mais de 30 anos — de 25 de novembro de 1974 até a sua morte, em 3 de março de 2008, aos 76 anos. “Alguém que se propôs a essa repetição e criou sua escrita nesse gesto”, é a definição de Maria Carolina Fenati, editora da Chão da Feira. A partir de 1962, Llansol publicou 26 livros. Sua produção sistêmica gerou mais de 30 mil páginas manuscritas que vêm sendo editadas na série *Livro de Horas* — já são oito títulos na estante.

Carolina teve contato com a obra da escritora durante a graduação em História, na Universidade Federal de Minas Gerais. Interessada em outras formas de vestígios, estudou uma das trilogias de Llansol — *Geografia de Rebeldes* (1977-1984) — no Mestrado, e teve a oportunidade de conhecer a autora no fim da vida. Depois foi chamada por João Barreto e Maria Etelvina Santos, herdeiros do espólio da autora, para auxiliar na organização do acervo em Sintra, a 30 km de Lisboa.

A primeira parte do trabalho foi arquivístico: enumerar, escanear, transcrever e gerar arquivos. Num segundo momento, a pesquisadora escolheu um recorte do inventário para investigar. “É curioso que a gente não se sente invadindo os diários dela. Não são diários pessoais, mas de uma escrevente. Ela estava sempre experimentando a escrita e não representando uma vida na escrita. Ela vivia a escrita”, aponta.

O registro contínuo de Llansol também acompanha as mudanças biográficas — exilada com o companheiro durante a ditadura em Portugal, viveu na Bélgica e teve contato com autores da Europa Central. Os diários da portuguesa reforçam que os livros sobre livros, mesmo quando intimistas, podem ser inventivos. “Como um sentido atribuído depois dos acontecimentos, esses textos ganham um aspecto ficcional”, garante Marcella, lembrando o *Itinerário de Pasárgada* (1954), de Manuel Bandeira.

## Em voz alta

Em 2011, em um bar de Lisboa, Carolina participou de um evento de lançamento do escritor Gonçalo M. Tavares. Depois da apresentação da equipe responsável pelo projeto, todos acompanharam uma leitura integral do livro. Num momento em que ela dedicava os dias a atividades solitárias pesquisando o espólio de Llansol, o encontro despertou o desejo de viver mais momentos coletivos em torno das palavras.

Nos dias seguintes, escreveu um texto sobre o livro lido em grupo e publicou como o primeiro *Caderno de Leitura* da Chão da Feira Edições. O segundo volume é um texto de Ricardo Piglia sobre o futuro da literatura, enquanto o terceiro é assinado pela orientadora de Carolina, Silvína Rodrigo Lopes. Amigos e leitores compraram a ideia e a coleção tomou corpo — desde então já foram editados 163 números, sobre os mais diversos assuntos, disponíveis para download gratuito no site da editora sediada em Belo Horizonte.

“Há tanta tagarelice, falação, e é preciso pensar sobre o que dizer, como dizer e por que dizer. A edição é inseparável dessa pergunta — como pensar a escrita, a partir da escrita, e de que forma essa partilha também é política, ao passo que todo mundo que trabalha com a escrita trabalha com a vontade de tornar público algo que nasce na esfera privada”, pontua Carolina.

Para Leonardo, a elaboração sobre a escrita sempre está em diálogo com a produção, num pensar-criando. “Dentro da academia existe a ideia de distanciamento do objeto, mas acredito que estar perto da criação te dá um ponto de vista diferente”, reflete. Ter se permitido a apropriação de materiais alheios o levou a textos que não usam essa abordagem, mas foram impulsionados por ela.

“As pessoas escrevem para serem lidas, esse sujeito que não quer ficar perto do leitor é falso — nós queremos dialogar. O prazer não acaba quando a obra acaba”, finaliza Marcella. <



Reprodução

➤ **Maria Gabriela Llansol**

# Prateleira

Cinco sugestões de leitura para se aprofundar nos livros e nas ideias de escritores renomados



## ***Escrever é muito Perigoso*** **(Todavia, 2023),** **de Olga Tokarczuk**

Durante a pandemia, a polonesa Olga Tokarczuk sentiu a necessidade de organizar sua produção ensaística e partir da posição de “narrador em quarta pessoa”, como explica em uma nota. Além de textos incluídos em outras publicações, tem destaque a transcrição de falas públicas dos últimos anos, como o discurso que fez ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 2019. Aparecem temas como a condição humana e o meio ambiente — presentes em *Sobre os Ossos dos Mortos* (2019) —, a importância dos tradutores e o processo de construção de personagens.

## ***A Vida por Escrito*** **(Companhia das Letras, 2022),** **de Ruy Castro**

O que tem a dizer o narrador de histórias de Carmen Miranda, Garrincha, Nelson Rodrigues — e ainda da bossa nova, do bairro Ipanema e do mundo do século XX? Em *A Vida por Escrito*, Ruy Castro compartilha técnicas e bastidores que o colocaram entre os nomes mais importantes do biografismo no Brasil. Esta não é sua primeira incursão nos livros sobre livros. Em *O Leitor Apaixonado* (2009), o autor reuniu 45 textos sobre literatura publicados antes em jornais, sempre no entorno daqueles escritores considerados “malditos”.



## ***As Margens e o Ditado*** (Intrínseca, 2023), **de Elena Ferrante**

Em quatro ensaios, o novo livro de não ficção de Elena Ferrante apresenta a leitura de autoras como Gertrude Stein e Virginia Woolf, a sua infância numa pequena cidade da Itália e divagações sobre o ato da escrita. Parte da figura de Ferrante já começava a ser desvendada em entrevistas e cartas reunidas em *Frantumaglia* (2017). Agora a identidade artística da autora de *A Amiga Genial* (2011) é um mistério mais palpável.



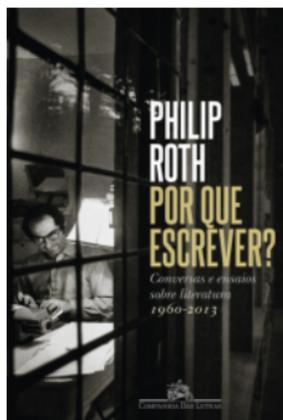


## **Escrever (Relicário Edições, 2021), de Marguerite Duras**

Um dos últimos livros da escritora e cineasta francesa, *Escrever* reúne cinco textos curtos que sintetizam mais de meio século de produção. Na primeira parte, que dá nome ao livro, surge o trecho consagrado em versos por Duras: “Escrever. / Não posso. / Ninguém pode. / É preciso dizer: não podemos. / E escrevemos.” A solidão, a morte, a guerra, a relação com a bebida e o contato com o mundo externo são confrontados numa casa nos arredores de Paris, de onde saíram livros como *O Amante* (1984) e *A Dor* (1985).

## **Por Que Escrever? (Companhia das Letras, 2022), de Philip Roth**

Nos ensaios e entrevistas presentes neste livro, o leitor pode vislumbrar um lado mais íntimo de Philip Roth. São mais de 40 textos onde o escritor parte de assuntos particulares de sua vida e expande para temas macros. As reflexões sobre o judaísmo estão presentes, assim como as impressões de leituras de autores como Franz Kafka e Saul Bellow. Além disso, podemos ler as palestras de Roth falando sobre os seus livros mais polêmicos, como *O Complexo de Portnoy* (1969). <



# Raízes que ecoam

Marília Garcia

por Luiz Felipe Cunha



## A poeta Marília Garcia fala sobre seu novo livro *Expedição: Nebulosa*, suas memórias e o futuro da América Latina

No dicionário, a palavra “expedição”, para além de viagem, é sinônimo de investigação. Em *Expedição: Nebulosa* (Companhia das Letras), novo livro de Marília Garcia, a poeta vasculha os meandros de suas memórias, em um movimento de vai-e-vem do pensamento: uma hora estamos em Florianópolis observando uma arraia derretendo ao sol e em outro momento estamos em um bairro de São Paulo, olhando as raízes de árvores centenárias. E tal qual as raízes que se afundam na terra em busca de nutrientes, os poemas de Marília se afundam no livro à procura da luz, partem de um tema específico, como o tempo, por exemplo, e se ramificam em vários outros assuntos diferentes — fruto da verve ensaísta da autora. Embora o poema mais antigo tenha dez anos, o maior volume de sua produção se deu entre 2018 e 2019, período de grandes acontecimentos na vida da poeta, como a perda de um amigo, a gravidez, o luto pela mãe, sem contar a pandemia. Eventos que a fizeram ressignificar a “nebulosa” do título, como explica na entrevista.

Logo no início da conversa, Marília se mostrou feliz e comentou que, de certa forma, o *Cândido* faz parte da história do seu novo livro — alguns poemas apareceram antes na edição nº 9 da revista *Helena*, editada pela Biblioteca Pública do Paraná entre 2012 e 2019, incluindo “gêmeos irlandeses” e o próprio “expedição nebulosa”. Ela também falou sobre o processo de escrita e edição do livro, assim como algumas referências poéticas que aparecem durante a leitura.

**Percebi em seu Instagram que recentemente você lançou seu novo livro na Argentina. Como foi a viagem e o lançamento em outro país?**

Fui a Buenos Aires para a *Feria del Libro*, que é uma grande feira anual, igual a Bienal, e esse ano fui convidada para um festival de poesia que aconteceu dentro da Feira. E a editora *Salta el Pez*, que já tinha publicado *Paris Não tem Centro*, estava traduzindo o meu novo livro na Argentina, mas não sabia uma data de lançamento, até que apareceu essa oportunidade e a editora fechou a edição para lançar durante a minha viagem. E foi tudo ótimo! Deu para lançar o livro e ainda participar da Feira. O tradutor é o Geraldo Jorge, um poeta que conheci em Buenos Aires há muitos anos. Foi muito especial poder fazer o lançamento lá, além do fato de ser a primeira viagem que faço em, sei lá, seis anos, por conta da pandemia, da gravidez, minha filha... Enfim, estava há muitos anos sem sair, então essa viagem foi especial em muitos sentidos.

**Quero aproveitar a ocasião para agradecer pela ótima indicação de disco no poema “os meus amigos são um barato”, que faz referência ao álbum de mesmo nome lançado em 1977 pela cantora Nara Leão. Como esse disco chegou até você e por que trazê-lo em seu novo livro?**

Meus pais ouviam bastante música em casa quando eu era criança. E esse é um disco que escutei muito, desde sempre. Não sei bem o porquê, mas durante a pandemia esse álbum voltou para mim — é algo que eu tinha guardado na memória. Escrevi esse poema por encomenda do jornal *O Globo*. Eram os primeiros meses da pandemia, todos estavam isolados em casa, e o Bolívar [Torres], que estava fazendo uma matéria sobre esse período, pediu para alguns poetas contemporâneos um poema sobre aquela experiência. Naquele momento, eu estava ouvindo muito o disco da Nara e pensei em fazer um poema que jogasse com a ideia de convidar os amigos, um poema escrito por amigos, de certa maneira — pois o disco da Nara é feito só com

canções alheias. Então pedi para que os meus amigos me enviassem um objeto e um comentário, e escrevi um poema a partir dessas impressões deles.

**Em 2021, você comentou que não estava conseguindo escrever durante a pandemia e que só estava mexendo em poemas pontuais de um projeto de livro. Já se tratava do *Expedição: Nebulosa*? De qual período e de que momento de sua vida são os poemas desse livro?**

Realmente, eu estava muito sobrecarregada e não consegui escrever muito. O poema mais antigo, “praia dos ingleses”, foi escrito em 2014 e fala sobre as memórias da infância — cheguei a publicar outros livros depois, mas é um poema tão pessoal que achei que não cabia em nenhum outro lugar até então. Esse é o mais antigo. Depois, são os poemas de 2018 e 2019 (vários são desse período), e algumas poucas coisas de 2020. E em 2021, quando já tinha bastante volume, quase todo o livro, comecei a trabalhar neles. Mas foi nesse momento que a minha mãe adoeceu e faleceu. Depois disso, ainda escrevi alguns poemas e tive um segundo trabalho — acho que tem um momento em que se escreve os poemas, e depois tem o momento em que se escreve o livro: pensa em como reunir os poemas, qual poema entra e qual não entra, qual vai ao lado de qual. Durante a pandemia, vivi um luto pessoal intenso, mas também um luto coletivo pelo momento que todos estavam passando. Quando dei uma segunda mão em cima dos poemas, aí se deu a presença da minha mãe e a nebulosa que já existia ao longo do livro apareceu de outra maneira, conforme fui os retrabalhando. Para resumir: o poema mais antigo é de 2014 e o livro está pronto desde o começo deste ano, já tem um ano do processo de edição.

## **E imagino que ter uma poeta do calibre da Alice Sant’Anna como editora deve ter as suas vantagens.**

Sim, muitas. Primeiro que ela também é uma super editora de muitos poetas e isso, por si só, já é incrível. Uma editora-poeta tem um tipo de sensibilidade muito apurada. Eu a conheço há bastante tempo, ela lia os meus livros antes de ser minha editora, já havia uma troca mútua. Ela também editou o *Câmera Lenta* [2017]. Esse novo [*Expedição: Nebulosa*] eu já mandei tal e qual, nesse formato, só a parte “p.s.” que adicionei depois. Mas ela fez muitos comentários pontuais, sugestões em versos específicos, trocar uma palavra por outra, cortar os excessos, pensar em padronização. Foi um trabalho minucioso, nos detalhes — o trabalho dela e da Carolina, que cuidou da edição de texto especificamente. No fim, o poema é isso: ele vive dos detalhes. Estamos falando do livro como um todo, mas ele também é feito dessas pequenas coisas. Nesse livro, as colocações da Alice foram bem pontuais. O livro só existe porque há várias observações certeiras que formam o todo.

## **E o livro já tinha esse nome desde o início? Qual a história e o motivo do nome?**

Há dois poemas no livro com esse título “Expedição: nebulosa”. Um deles é mais antigo, bem curtinho, e eu tinha um rascunho dele quando me convidaram para publicar em uma revista portuguesa que publica sempre um poeta e um artista visual. Eu chamei o Victor Heringer — que foi um poeta e artista que faleceu super jovem, em 2018, e que aparece no meu livro em alguns outros momentos — para fazer uma intervenção gráfico-visual, e publicamos juntos, o meu poema com o trabalho dele. Quando fez um ano da sua morte, me convidaram para falar no *serrote ao vivo*, que é um festival da revista *serrote*, onde o convidado faz uma performance de um texto. Para essa apresentação, escrevi um texto chamado “Expedição nebulosa”, em homena-

gem ao Victor, embora tenham outras coisas que vão atravessando o texto, como a questão de morar fora, a relação entre Rio e São Paulo. Fiquei bastante em dúvida a respeito do título quando fechei o livro, mas de certa forma é um poema importante dentro da obra. E para além disso, vários outros poemas trabalham com a ideia da expedição, do caminhar, do sair procurando alguma coisa, mas também uma expedição na linguagem, de explorar a linguagem literária, de pensar e especular. E essa expedição é nebulosa pelos tempos em que a gente vive. De certa forma, essa imagem traz uma indeterminação, uma indefinição que nos ronda e ainda nos ronda. O livro tenta fazer essa expedição em busca de tentar entender essa nuvem de fumaça.



**A presença do Victor Heringer nos poemas foi uma surpresa durante a leitura, não sabia que vocês se conheciam. Como isso aconteceu?**

Nos conhecemos quando ainda morávamos no Rio, por meio de amigos em comum. Eu era muito amiga do Ismar Tirelli Neto e o Victor também. Nessa mesma época, ele começou a participar de leituras e logo depois lançou seu primeiro livro, *Automatógrafo*. Em 2012, ele também escreveu um trabalho sobre o meu livro *Engano Geográfico*, lembro desse momento, ele mandou o texto e passamos a conversar. No ano seguinte, me mudei para São Paulo e dois meses depois ele também. Por sermos do Rio e os dois se mudarem para a mesma cidade na mesma época, acabamos nos aproximando muito.

**Há muitas memórias no livro e reflexões sobre o ato de lembrar. O que te levou a abordar esse tema?**

Em outros livros eu tinha uma ideia programada e uma intenção muito clara do que queria fazer. Nesse novo, não. Mas depois do nascimento da minha filha, vieram vários poemas de caráter mais memorialístico, memórias da minha infância e da dela. Há nisso uma mistura de passado e presente.

**E você consegue dizer qual a sua memória mais antiga?**

Que pergunta difícil... Tenho memória de quando meu irmão nasceu, eu tinha 3 anos e lembro de estar com a minha avó, que é de Lages, no interior de Santa Catarina. Também tenho outras memórias com a minha avó em Florianópolis, mas que não sei definir muito bem, nem determinar no tempo, acho que são memórias mais antigas ainda, de antes do nascimento do meu irmão.

**Antes de ser livro, o *Expedição: Nebulosa* nasceu como uma performance, e não é a primeira vez que isso acontece. Como você enxerga esses dois formatos? O que reverbera mais em um do que no outro?**

A primeira vez que fiz esse formato de apresentação foi uma vez que me pediram para dar um depoimento sobre a minha poesia e achei muito difícil preparar essa fala, pois tinha a sensação de que qualquer coisa que eu falasse iria soar como uma paráfrase sobre o que é o poema. Inicialmente, tentei fazer um depoimento por escrito, mas depois optei por escrever algo que tivesse um ritmo e elementos do poema e que também fosse uma espécie de depoimento. E claro, daí fui caminhando para o ensaio. Nessa primeira experiência não tinha nenhuma imagem. Depois, aos poucos, comecei a inserir algumas e passei a escrever com as imagens (elas transformam e determinam o texto). Eu gosto do formato da performance, eu até prefiro. Ele é feito para aquela situação específica com as imagens, as pessoas ao vivo, a fala. Mas acho que vale a pena, muitas vezes, que eles estejam no livro, então eu também mexo no texto para caber nesse formato. É o meu quarto livro em que aparecem essas performances: *Teste de Resistores*, que foi esse primeiro texto, depois *Câmera Lenta*, o *Parque das Ruínas*, e esse novo tem duas dessas apresentações que, acredito, compõe muito bem o livro.

**Quando começa um poema, você sente a necessidade de finalizá-lo ou alguns deles ficam pelo caminho?**

Tem poemas que ficam pelo caminho. E tem poemas que escrevo, mas só retomo e finalizo anos depois. Por exemplo, o primeiro poema do livro, "história natural", eu fiz uma versão inicial dele e publiquei no site da Companhias das Letras, mas só três anos depois cheguei na versão que foi para o livro. E tem poemas que se perdem com o tempo mesmo e vão parar em lugar nenhum.

**Tem algum poema que veio como uma iluminação? Daquelles que parecem se escrever sozinhos?**

Às vezes sim, e é maravilhoso quando acontece. Se fizesse isso, eu diria que sou poeta mesmo, realmente, de verdade [risos]. Os poemas "assim se diz está chovendo" e "gêmeos irlandeses" são um desses que escrevi de uma só vez.

**Na parte do livro "então descemos para o centro da terra", você apresenta uma distinção entre elegia clássica e elegia inversa, a primeira como sendo um modo de o sujeito vasculhar o passado e achar elementos para poder se lamentar e a outra como o ato de invocar a memória e trazer algum elemento do passado para o presente, em uma tentativa de refazê-lo. Em qual das duas definições você enxerga o seu livro?**

O que eu gostaria de fazer é uma elegia inversa, que é essa tentativa de trazer o passado para o presente. Para isso, cito o poeta Emmanuel Hocquard, que explica que existe uma poesia mais tradicional, mais clássica, que fala de um lugar comum da poesia, que é algo mais sentimental, sobre lamentar o tempo perdido. Trouxe essa diferença para dizer que gostaria de fazer uma elegia inversa e resgatar o passado — passado pessoal, pois há muita coisa pessoal minha no livro, mas também o passado da história social em que estamos vivendo e vivemos nos últimos anos — para, pelo menos, tentar entender o presente e não lamentar que o perdemos. Na verdade, nosso passado é um passado difícil demais, acho que não tem muita coisa para lamentar, tem que recuperar para refazer o presente em direção ao futuro. Nesse sentido, minha tentativa foi buscar uma elegia inversa.

**Outro escritor que você referencia é o Cacaso, no poema “história natural”. Como você definiria a América Latina hoje e as projeções para o futuro?**

O poema do Cacaso é de 1974, ele escreveu em plena Ditadura Militar, e é um poema lindo em que ele olha para o filho e reconhece os traços da mãe dele e da mãe do menino, percebendo a herança genética, ao mesmo tempo em que tenta imaginar a América Latina do futuro. Olhando para esse poema hoje, vejo que a América Latina do futuro dele é o nosso tempo atual, e são tempos difíceis de definir, não sei dizer se mudou tanto de lá para cá. Acho que mudou, mas a gente viveu um período complicado. Esse poema é de 2019 e continuo me sentindo um pouco em um túnel de fumaça. Estamos em um momento um pouco melhor agora do que foram esses últimos anos (não só por causa da pandemia). Acho que conseguimos ver uma luz no fim desse túnel. Nessa América Latina, pensamos que os problemas do Brasil são específicos, mas na verdade têm muito a ver. E não sei dizer se caminhamos tanto. <

# Falta e outros poemas

Daniele Rosa

*para Anna*

desejo atravessar a rua na faixa de pedestres sem olhar para os  
[lados  
e ser atropelada por um carro que furou o sinal vermelho em  
[alta velocidade

desejo que meu corpo seja arremessado a dez metros de  
[distância através do cruzamento  
e quando cair no asfalto seja possível ouvir os ossos da cabeça  
[se quebrando

desejo que o motorista não pare para socorrer e uma multidão  
[se junte em volta do corpo  
enquanto o sangue escorre por cima da faixa amarela do  
[acostamento

desejo que alguém decida chamar a ambulância e o seu celular  
[não funcione por falta de  
bateria mas que haja um telefone público próximo e depois de  
[um momento de dúvida a  
pessoa se lembre do número a discar

desejo que meu corpo seja resgatado e levado para um hospital  
com especialidade em traumatismos cranianos

e que sejam feitos todos os procedimentos possíveis

e que enquanto os médicos tentam decidir se devem ou não  
[desligar os aparelhos  
que eu sonhe com todos os segundos em que nos amamos

que eu sonhe,

## a idade em que as poetas morrem

há uma idade em que as poetas morrem  
com sua boca estática, sua língua de sal  
seus poemas organizados em torno de uma doença irreparável  
e a família toda avisada

há uma idade em que as poetas morrem  
tocadas pela neblina da manhã  
os seus corpos inertes  
onde já não cabe mais uma palavra

há sempre uma certa idade  
que cai como uma luva para a crítica literária  
tão jovens, dirão  
porém marcadas pela experiência, pela inovação  
tudo que configure como um elogio  
uma grande perda para o mundo

há um pico de onde saltam as poetas que morrem  
se movem em direção a um lago um pouco sujo habitado por  
[patos  
balançam as folhas secas do outono que varrem a pista de  
[cooper  
e seus corredores indiferentes  
como uma canção

há uma idade aceitável para a morte das poetas  
uma idade lamentável  
suportável  
superável  
o tempo de um susto  
e tudo volta ao normal

há uma idade em que as poetas morrem  
quando não estão mais aqui

## **falta**

como se a vida fosse feita  
fosse alta  
fosse qualquer coisa  
que valha



- **Daniele Rosa** é poeta e mediadora de leitura. Edita fanzines e publicações artesanais na *Conserva Edições* e é integrante do coletivo Membrana. Teve poemas publicados na *Feijoada da Meia Noite*, *Totem & Pagu*, *Revista Ensaia*, *Revista Farpa* e *Jornal Boca do Inferno*, entre outros. Participou das coletâneas *Detonação, corja!* e *Envelope Membrana*. Lançou a dramaturgia *Perpétuo* (Urutau, 2021). Os poemas desta edição fazem parte de seu próximo livro, *Café da Manhã com Arranha-Céus*.

# Ode à errância

Adonis

por Michel Sleiman

## 1. De Concerto de Alquds.

O vento lê a rosa;  
o perfume a escreve.

A apaixonada entrou no jardim de sua casa em  
Alquds<sup>1</sup>, onde mora o seu amado.  
As flores do entorno viraram janela que emoldura  
agora seus passos.

Ela ri e diz:

Então, devo de novo costurar uma roupa para cada  
flor?

Ontem, quando a encontrei, a noite assoprou em meus  
ouvidos:

Para a rosa, o perfume é um filho,  
mas já nasce crescido.

(tensão, morte, captura, socorro, extintores, vítimas,  
vereditos, proibição, insurgência, infração, mérito,  
detidos, detenção, prisão, destruição, ocupação)

Eu disse à minha imaginação: Ouse, coloque as mãos  
nos ombros de Alquds.

Eu disse a Alquds:

Por que eu, vindo até você, só sei andar para trás?

(terror, sequestro, lado desconhecido,  
recrudescimento, acusação, negação, óbito, corrupção,  
infiéis, falsificação, ofensivas, violência, sentença,  
regra, risco, conflito, domínio, refúgio, invasão, saque)

O caminho é um fio de aranha. Universo clarividente  
tragado por universo cego. Cidades são agonia. Tempo  
é um pombo que passa.

Até quando dormirá, céu, nas mãos de uma terra  
vermelha?

1 Como é chamada em árabe a cidade de Jerusalém

## 1. من كونشيرتو القدس

الريح تقرأ الوُرْد  
والعطر يكتبه.

دَخَلت العاشقة حديقة بيتها في القدس حيث يُقيم حبَّها.  
الأزهار كلها تحوَّلت إلي شباكٍ تطوقُ خطواتها.  
ضحكت وقالت:  
هَلْ عليّ، إذاً، أن أخطئ من جديدٍ ثوباً آخر لكل زهرة؟  
أمس، حين التقيتها، همس الليل في أذنيّ:  
العطر ايّن للوردة،  
لكنه يولد شاباً.

(توتّر. مقتل. قبض. إسعاف. مطافئ. ضحايا. إدانات. منع. تمرد. خرق. استحقاق.  
معتقل. اعتقال. سجون. هدم. احتلال)،  
قلتُ لخيالي: تجزأ. ضع يدك علي كفي القدس.  
وقلت للقدس:

لماذا أنا المقبلُ إليك، لا أعرف أن أسيرَ إلا إلي الورا؟

(إرهاب، خطف. جهة مجهولة. تشدد. اتهام. نفي. نفي. شرع. فساد. كُفّار.  
تزوير. حملة. عنف. قضاء. قاعدة. خطر. صراع. هيمنة. ملاذ. غزو. اكتساح).  
الطريقُ خيط عنكبوت. وثمة كَوْنٌ بصيرٌ يزدردُه كَوْنٌ أعمى. المدنُ احتضارٌ،  
والزمن هدهدٌ عابر.

إلي متي سنظلّين، أيتها السماء نائمة بين يدي أرضٍ حمراء؟

(mísseis, gangues, seitas, rituais, ataques, minas, comércio, luta sectária, bombardeio, divisão, calma, senhoria, revenda, membros e órgãos decepados, cadáveres, lutas, aliados, inimigos, armados, assassinatos, tribos)

Criança em forma de caixão carregado sem rumo por mãos invisíveis. Digam para a eternidade: Seu grupo, que comanda o teatro, foi engendrado por um barro chamado morte e revestido por um tecido chamado ar.

(petróleo: urânio, estrondo, munições, escândalos, investigação, contrabando, regulamentos, direita, esquerda, negociações, traição, tortura, êxodo...)

“Na Lua há uma fenda erótica cavada pela política”, disse um astrônomo.

“Na Terra há buracos que parecem os do corpo humano”, disse um naturalista.

E entre os dois, uma cabra montês se transforma em fita vermelha que envolve o navio, enquanto o tornozelo do ar guia sua dança ao ritmo da poeira atômica.

Linhas, fios tecem mantos eletrônicos para os viajantes que desconhecem o lugar, e ele próprio os desconhece.

Livros se amontoam e debaixo deles cabeças desabam por argumentos frágeis que a caneta milagrosa rabisca.

Eu não disse isso a nenhum anjo, disse-o a um meteoro mudo, mal se acendeu apagou.

Há quem se lambuzou e foi virado então do avesso.  
Há quem leu e foi tocado pela opressão da ignorância cabal.

E há um terceiro, ainda, e um quarto, só sombra desse.

O terror é em si melodia na harpa do sol.

(صواريخ. عصابات. طوانف. طقوس. هجمات. ألغام. تجارة. اقتتال مذهبي.  
قُصِف. انشقاق. تهدنة. سيادة. مُرابحة. أشلاء. جثث. معارك. حلفاء. أعداء.  
مُسَلَّحون. اغتِيالات. قبائل)،

طفلاً له هينة النعش تحمله أيدٍ غير مرنية، في اتجاه  
بلا اتجاه. قولوا للأيدي:  
فُرقَتك التي تدير المسرح  
مجبولة من طين اسمه القتل،  
وتلبس الفرقة نسيجاً اسمه الهواء.

(نقط: يورانيوم. اختراقٌ للصوت. ذخائر. فضائح. تحقيق. تهريب. قوانين. يمين.  
يسار. مفاوضات. خيانة. تعذيب. نزوح... الخ)،  
"في القمر شيقٌ إبروسيّ تحفره السياسة"، قال عالمٌ فلكي،  
"في الأرض ثقوبٌ تتشبه بثقوب الجسم الإنساني"، قال عالمٌ في الطبيعة،  
بينهما، كان الجوديُّ الجبلُ يتحوّل إلي وشاحٍ أحمرٍ يلف السفينة. وكان كاجلُ  
الهواء يُموسقُ رقصه على إيقاع غبارِ ذرّي.  
خيوطٌ وأسلاكٌ تنسجُ عبايات إلكترونيّةً  
لمسافرين يجهلون المكان،  
يجهلم المكان.  
أكداسٌ كتبٍ تَرزح تحتها رؤوسٌ لَججج حُطَّها قلمُ المعجزة.  
لم أقل ذلك لأبيّ ملاك. قلته لشهابٍ أخرس، لم يكد يشتعلُ حتى انطفأ.

هناك من تلتطخ، فانتقلب خارجه إلي داخل.  
هناك من قرأ فأصابته عدوى الجهل بكل شيء.  
هناك ثالثٌ لا رابعٌ له إلا ظله.

الرُّعب نفسه نغمٌ في قيثارة الشمس.

- “Ó Enviado de Deus, quem foi o primeiro a entrar no Paraíso?
- Os profetas.
- E depois?
- Os mártires.
- E depois?
- Os muezins da Casa Santa”<sup>2</sup>.

“Nenhum servo ganhou martírio, no deserto ou no mar, sem antes ouvir o chamado dos muezins da Casa Santa no céu”<sup>3</sup>.

“A rocha da Casa Santa está em cima de uma palmeira, e a palmeira, em cima de um dos rios do Paraíso, debaixo dela está Ássia, mulher do Faraó<sup>4</sup>, e está Mariam, filha de Imran<sup>5</sup>... afinam as cordas das gentes do Paraíso para o dia da Ressurreição”<sup>6</sup>.

O que escrever, pois, e como?  
 Tem sentido o que não entra na língua?  
 Por que as tristezas da mente são túmulos para os desejos do corpo?

- Só escrevemos uma coisa se a virmos de fato e de tal modo como se a coisa mesma nos visse.

- Escrita sem abismos, sem identidade.

2 Jábir, colecionador de hadith, ditos do Profeta Muhammad, nasceu em Yathrib (Medina) em 607, ano 16 antes da Hégira, como se denomina a Era Muçulmana, e morreu em 697, ano 78 da Hégira. Casa Santa traduz Bayt Almaqdís, variante de Alquds (a santidade).

3 Ubay Ibn Kaab, nascido em Yathrib e morto em 649, ano 30 da Hégira. Letrado, atribui-se a ele a primeira versão escrita das suras ditadas pelo Profeta.

4 Ássia Ibnat Muzáhim, mulher do Faraó do Egito na época do Êxodo, mãe adotiva de Moisés, Mussà em árabe.

5 Mariam Ibnat Imran, nos relatos corânicos, filha de Imran e Hanna e mãe de Issà, é Maria, filha de Joaquim e Ana e mãe de Jesus, na tradição cristã.

6 Ubada Ibn Assamit, 585-655, 38 antes da Hégira - 34 H., guerreiro das hostes do Profeta e, logo, dos primeiros três califas.

- "يا رسول الله، أي الخلق أول دخولاً إلى الجنة؟  
- الأنبياء.  
- ثم من؟  
- الشهداء.  
- ثم من؟  
- مؤذنو بيت المقدس".  
(عن: جابر)

"لم يستشهد عبد قط، في برّ أو بحر  
إلا وهو يسمع أذان مؤذني  
بيت المقدس من السماء".  
(عن: كعب)

"صخرة بيت المقدس على نخلة،  
والنخلة على نهرٍ من أنهار الجنة.  
تحت النخلة آسيا امرأة فرعون،  
ومريم ابنة عمران،  
تتظمان سُموط أهل الجنة إلى يوم القيامة".  
(عن: عبادة بن الصامت)

ماذا نكتب، إذًا، وكيف؟  
أهناك معنى لما لا يدخل في اللغة؟  
ولماذا تكون أحزانُ العقل قُبوراً لرغبات الجسد؟

- لا نكتب الشيء حقاً إلا إذا رأيناه  
بطريقة يبدو فيها كأنه هو نفسه يرانا.

- كتابةٌ لا هوةٌ فيها، لا هويةٌ لها.

## 2. De Zócalo.

Tempo é o que o tempo tem de você, diz a Cidade do México em língua árabe sufi. A diferença existencial é uma diferença de grau, não de gênero.

Ninguém sabe falar como fala um sapo em vigília acercando-se aos ombros e coxas de um lago.

Ninguém sabe se alongar como se alonga a serpente ou o guepardo.

Ninguém sabe escapar como escapa a pantera.

Seja humilde, animal chamado homem, ainda que seja, depois da natureza, você o criador mais poderoso.

Suba, mas haverá de cair. Não permanecerá onde terá subido, salvo se morto.

## 2. من زوكالو

الوقت هو ما أنت فيه، تقول مكسيكو بلسان صوفي عربي. و فرق الوجود فرق في الدرجة لا في النوع.

لا يعرف أحد أن يتكلم كما تتكلم ضفدعة تسهر قرب كنفي بحيرة، أو بين فخذيهما.

لا يعرف أحد أن يتمطى كما يتمطى ثعبان أو نمر.

لا يعرف أحد أن يتحرر كما يفعل الفهد.

تواضع أيها الحيوان المسمى إنساناً، وإن كنت بعد الطبيعة، الخلاق الأعظم.

إصعد، لكن سوف تهبط. لن تبقى حيث تصعد إلا إذا مت.

### **3. De *Osmanthus*.**

#### **O efêmero perpétuo**

O sol não para de trabalhar, desde que põe os pés na soleira  
da praça do Instituto Lu Xun em Pequim.  
Acorda, uma a uma, as árvores  
em vai e vem, como se estivesse  
fiando o espaço.

Muitas vezes no Instituto  
vi as janelas imitar os passos de Lu Xun  
e vi Lu Xun lendo seus leitores.

Fora de minha sala no Instituto,  
os pássaros decolam dos desenhos nas janelas e da  
cantilena do horizonte;  
pensei uma vez  
em unir, como eles, o efêmero ao perpétuo.  
Lembrei-me de Abu Nuwás e Baudelaire,  
e não paro de pensar no que disse o efêmero:  
“O eterno não passa de rede sem fim,  
que minhas linhas tecem, a cada instante”.

### 3. من أوسمانتوس

#### الزائل الأبدى

لا تتوقف الشمس عن العمل منذ أن تضع قدميها على العتبة، في ساحة "معهد لوشن" في بيجينغ.

توقظ الشجر غصناً غصناً،  
آتيةً ذاهبةً، كما لو أنها تخبئ الفضاء.

كثيراً، في المعهد،  
رأيت النوافذ تفتق خطوات "لوشن"،  
ورأيت "لوشن" يقرأ قراءه.

خارج غرفتي في المعهد،  
تبرغ العصافير في رسم النوافذ، وفي تلحين الأفق.

فكرت، مرةً،  
أن أزواج كمثلها بين الزائل والدائم.  
تذكرت أبا نواس ويودلير،  
ولا أزال أفكر في ما قاله الزائل:  
"ليس الأبدى إلا شبكة بلا نهاية،  
تنسجها خيوطي، لحظةً لحظةً".



## Nota do tradutor

*Ode à Errância* é um título original, pensado por Adonis para um livro que reúne três obras suas em tradução agora ao português: *Concerto de Alquds* (2012), *Zócalo* (2014) e, em primeira tradução a uma língua ocidental, *Osmanthus* (2020).

Os poemas do livro se debruçam às localidades de Jerusalém, Cidade do México e Pequim. Trata-se de uma leitura do oculto que o olhar do poeta presentifica quando toca os cenários dessas localidades e sua longa história. A errância é, no entanto, não do viajante, mas da linguagem que perfaz o caminho até esse oculto. É a errância da poesia e do verso árabe de Adonis, sempre aberto ao sentido menos visível, dadas as camadas subsequentes de civilização que tentam impor, não raro por violência, o apagamento da multivocidade. Ao mesmo tempo, ao se enunciar, os poemas desnudam o ateliê do artista, o laboratório do alquimista, a oficina do escritor. Com a tradução, o leitor em português tem a chance de surpreender alguns desses movimentos do desenhar poético adonisiano; e de ter as provas de um outro sal: semita, maia, serfício.



- Nascido em uma pequena aldeia do noroeste da Síria, em 1930, Ali Ahmad Said Esber despontou para o mundo com o nome **Adonis**, que buscou na mitologia fenícia, em 1948. Escreveu quase cem livros em árabe — multiplicados pelas traduções — que revelam as facetas do poeta, também crítico literário, acadêmico, pensador e tradutor.
- O tradutor **Michel Sleiman** é professor de Língua e Literatura Árabes da USP. Organizou a antologia *Poemas, Adonis* (2012). Do poeta publicou ainda traduções em revistas nacionais e livros especializados. Traduziu obras de Ibn Quzman de Córdoba, o pré-islâmico Chânfara, o palestino Mahmud Darwich e uma plêiade de jovens poetas residentes na Faixa de Gaza. Recentemente verteu ao português *Umm Saad*, novela emblemática do escritor palestino, de Ghassan Kanafani.

*Ode à Errância* será lançado pela editora Tabla, que tem como foco a publicação de livros referentes às culturas do Oriente Médio e do Norte da África.

# Um curto, por favor

Kalil Sayão Perusso

Faz sol em Curitiba. Não sejamos vítimas dos estereótipos, pois o sol aparece, mesmo que numa réstia do dia. A crônica aproveita e sai passear, fazer o que lhe cabe, que é ver a vida. Eis que para num café e pede um espresso. Ou seria expresso?

Ai de seus dias áureos, se recorda, de quando haviam jornais de papel pelos balcões afim, nos quais se podiam folhear páginas engorduradas no tempo que se joga fora (se diz); todavia, na ausência dos jornais de papel, de papel ainda existem os cigarros, e assim, tira do bolso o maço para fazer, quem sabe, uma pausa de si mesma.

— Me dá um cigarro? — Diz um bom brasileiro qualquer. E, por estatística e fortuna, pobre.

Dois cigarros no amassado maço.

— Não precisa, não.

— Deixa disso, companheiro. — Diz, e lhe oferece a metade do que tinha — De que adianta nos oferecermos por inteiro — pensou — Aí que acabamos nos perdendo.

Encantava à crônica o fato de, mesmo que por pouco, encher o peito daquele cara, fugaz.

E nos seus devaneios sobre caras e metades, pensou se não encontraria, talvez, naquele mesmo café, a poesia, com quem poderia ter um belo romance, ou mesmo que fosse apenas um conto. Com o teatro desconfiava, incerta, que fora pura encenação. Sabia o que não queria: ser requerida, intimada, despachada, oficiada, periciada, sentenciada, apelada, contrarrazoada, embargada. E contra essa decisão não haveriam recursos, especiais ou extraordinários. Vã *burrocracia!*

Assiste então a vida que passa, como o belo casal, jovem, e pensa que, como si, tal relação acabará, provavelmente desiludida, pela morte ou pela vida, mas, se tudo acaba, ao menos que dê saudades. O curioso do tempo é que ele não nos passa para trás, mas para frente.

E vê também a velha senhora, que se detém na lixeira, e, prospectando a sacola preta, recolhe daqueles resíduos duas latinhas. É tão bonito quanto triste constatar que alguém tire seu sustento do que as outras pessoas simplesmente jogam fora.

Em sentido contrário, eis que vem outra mulher, elegante em seu *tailleur*, com graça desfilando num desconfortável salto alto, um milagre nas irregulares calçadas da capital. Dá até certa inveja à crônica, que anda por aí de rasteirinha, livre, leve, solta, sempre ao risco de uma topada no dedão nestas mesmas pedras do caminho. A via é a mesma, mas cada um a segue com seus próprios percalços.

Um trago, um gole e pede a conta, e então se dá conta, que a vida, como ela, é passageira, e, portanto, curta. <



**Kalil Sayão Perusso** nasceu em Maringá. Formado em Direito pela Universidade Estadual de Londrina, atualmente vive em Curitiba e estuda Letras na Universidade Federal do Paraná. Esta crônica é uma das ganhadoras da 5ª edição do Concurso Literário Luci Collin, promovido durante a XXV Semana de Letras da UFPR.

# Vozes da Cidade

Enzo Giordani

O Vox Urbe é um tradicional encontro de poesia realizado em Curitiba desde 2011, com leituras e bate-papos, em um formato que também abre espaço para intervenções do público. Mais de 100 poetas já participaram do projeto, que a partir de 2018 passou a ser realizado por meio do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura da Fundação Cultural de Curitiba, pela produtora Processo Multiartes.

Em maio, a Biblioteca Pública do Paraná recebeu uma curta temporada do Vox Urbe, com direção artística de Adriano Esturilho e curadoria de Julia Raiz, Kenni Rogers e Ricardo Pozzo — criador do projeto, inicialmente realizado no bar Wonka. Os registros do fotógrafo Enzo Giordani foram feitos no auditório da BPP, em encontros entre os poetas Anna Carolina Azevedo, Diva Ganjah, Francisco Mallmann, Jessica Stori, Leomir Bruch, MIKA e Serginho Smith. ◀



# VOZES DA CIDADE





















# A máquina do tempo

Basílio Baran

Havia um bilhete debaixo da porta: Boas notícias! Inventei a máquina do tempo. Joguei ele fora. George sempre foi um sonhador, perdendo tempo com invenções. Para mim, a máquina do tempo foi inventada em tempos imemoriais. Desde que o primeiro ser humano abriu a boca para falar do passado, duplicou a existência da humanidade. Melhor, triplicou, porque quem cria o passado cria também o futuro e o presente. E absolutamente todos os que se propuseram a dizer como as coisas aconteceram mudaram o passado segundo seus próprios interesses. Quem ganha a guerra conta a história. Eu já tenho uma máquina do tempo, é o diploma no fundo da gaveta, ele me permite modificar o passado do jeito que eu quiser. Só basta querer. A máquina do tempo mais eficiente seria aquela que não muda realmente o passado, mas afetasse o cérebro de alguma forma que as pessoas passassem a acreditar que são outras.

George pode ficar com sua máquina do tempo. Tomara que ele não se exploda. Não imagino o que ele quer tanto mudar. Se tornar um poeta de sucesso? Nem com uma máquina do tempo. Mais difícil do que escolher é também saber como mudar, como saber quando uma decisão foi tomada. Napoleão invadiu a Rússia porque jantou mal antes de conversar com Alexandre? Se Hitler não tivesse nascido, o holocausto não aconteceria? Se você não tem uma desilusão amorosa, como vai encontrar o amor? George já tem dinheiro o suficiente pra brincar de inventor, vai jogar na mega-sena? E quem garante que os números serão os mesmos? Aquele que inventar uma máquina do tempo de verdade vai provar qual a lógica temporal correta. Você volta para o mesmo passado ou cria uma nova linha temporal toda vez que viaja? Em ambos os casos, não há garantia que o resultado da loteria seja o mesmo. Mas isso tudo não importa, George não inventou uma máquina do tempo. Passei o resto do dia mergulhado na pesquisa sobre Roma. Ainda não abri as cortinas.

24 de agosto

Acordei com uma mensagem: Inventei a máquina do tempo. Corri pra casa do George, mas ninguém atendeu. Liguei, bati na porta de seus vizinhos, mas ninguém o viu há algum tempo. Falei com seus pais, também nada. Eles hesitaram diante da minha ideia de abrir uma queixa de desaparecimento, tive que dizer que ele sumiu há dias.

Depois disso, não sobrou muita coisa pra fazer. Não ficava quieto em casa, então decidi ir à biblioteca para escrever a pesquisa, me forçar a ficar quieto. Não rendeu muito. Fiquei pensando o tempo todo que, se fosse verdade, tudo aquilo que eu estava escrevendo poderia mudar no dia seguinte.

Por mais que tudo seja muito estranho, tenho uma convicção de que não foi uma brincadeira. George nunca parece estar brincando, nem quando faz piada. Desde que eu conheci ele é assim. Era o final do ensino médio, eu não sabia se cursava História ou Medicina. Ele se aproximou como se soubesse exatamente o que se passava na minha cabeça e me perguntou o que eu ia fazer. Depois de explicar a situação, ele me falou um monte sobre a criação da ciência histórica, sobre como o passado é uma produção constante e que nosso senso de identidade é feito de trás pra frente, já que nós atribuímos causalidades só depois que os efeitos já foram produzidos. Eu fiquei fascinado por aquilo, já que isso implicaria que tudo aquilo que eu sei sobre mim mesmo depende daquilo que eu quero ser e, no limite, o que é verdade e o que é interpretação na vida se torna em certa medida indistinguível, como um *drink* no qual você não sabe onde acaba um sabor e começa outro, foram essas as palavras que ele usou. Se não fosse o George, acho que teria tentando fazer Medicina, perdido anos de vida, só pra ir pra História depois. Em toda a nossa vida George pareceu guardar em si as palavras certas para os momentos certos. Mesmo as piadas dele produziam um efeito misterioso, como se fossem charadas que escondiam algo mais profundo. O que ele disser, eu acredito.

Fui agora abrir a cápsula para guardar o diário e notei algo estranho. Podia jurar que ela era prata. Mas é branca. Na verdade, pensando bem, quando George me deu ela, brinquei sobre como meu reflexo ficava distorcido na superfície metálica.

*25 de agosto*

Fui ao lançamento do novo livro do George hoje, *A Máquina do Tempo*. Chamaram ele de o novo Álvares de Azevedo, o que é só uma maneira de dizer que ele é amargurado demais pra idade que ele tem. Sinceramente, eu penso que toda a poesia que o George já produziu se resume a um monte de coisas que você já pensou em algum momento mas nunca anotou, é uma peneira do senso comum. Parece que ele encontra sempre o cara mais deprimido no recinto e espera até ele soltar algo que possa ser transformado em verso. Então ele faz esse inventário da melancolia. O tema principal de *A Máquina do Tempo* é o arrependimento de não ter vivido outra vida, o que é uma coisa estúpida, já que ninguém sabe o que aconteceria se tivesse virado a esquina 2 ao invés da 1. O arrependimento é uma saída muito fácil pra própria mediocridade. Fiz Medicina, mas na época pensei em fazer História, mas não faz sentido me perguntar: e se eu tivesse feito História? As decisões só acontecem, é uma pergunta igual a: e se essa pedra não tivesse caído? E se esse coração não tivesse falhado? Não há lugar pra aleatoriedade no universo, as decisões humanas são tão absolutas quanto as leis da natureza. E por isso o livro do George é uma merda.

Três pacientes morreram na minha mão hoje. É por isso que eu estou tão amargurado, estou sendo maldoso. Não pude fazer nada, é como se eu nunca tivesse sabido medicina.

Não lembro onde deixei a cápsula do tempo, que piada. Logo eu, que estudo a memória.

*26 de agosto*

George me respondeu sobre minha pesquisa. Ele disse que os resultados sobre o efeito de ondas extracranianas sobre a memória são muito promissores. Ele acredita que se pode construir um aparelho de restabelecimento de memórias. Isso me incomoda um pouco, pra falar a verdade. Depois de chegar tão longe, penso em abandonar a pesquisa. Como eu sei se uma memória recuperada é verdade ou inventada? Tudo bem, nós chamamos parentes dos pacientes e eles testemunham que a memória é verdadeira, mas já que a frequência das ondas extracranianas é selecionada de acordo com os núcleos linguísticos do cérebro, não poderíamos estar na verdade injetando palavras, textos, escrevendo memórias de acordo com o que os parentes nos contam? Experimentalmente, é muito difícil distinguir uma coisa da outra.

Além disso, o esquecimento não faz parte da vida? É claro que é promissor para o Alzheimer, mas nós sabemos que não é assim que o mercado funciona, isso vai dar em outra coisa. Reativar conexões perdidas sempre vai implicar em anexar elas a polos neurais que não existiam quando ela foi criada. É como se ela ficasse incubada e depois jogada em um ambiente cuja organização não incluía ela, os resultados são imprevisíveis. Na prática, é como se criássemos memórias que viajam no tempo, que ficaram muito tempo latentes mas em algum momento voltam inalteradas, não afetadas pela passagem do tempo. São como fantasmas. São como cápsulas do tempo. Tenho um pouco de medo do que pode ser feito disso. Se realmente se tratar mais de uma invenção do que reativação, se forem como memórias injetáveis, não há um limite para isso, pode-se criar passados inteiros para as pessoas. Lavagem cerebral em seu mais puro estado. Pode ser aplicado no sistema prisional, transmitido via rádio, usado para educação. Pode-se formar um atleta injetando memória muscular?

Não tenho certeza. Tendo a pensar que a passagem do tempo é constitutiva da memória, que a maneira como as memórias crescem muitas vezes é mais importante do que seu conteúdo original. Reativar ou injetar lembranças — pouco importa, em ambos os casos algo que remete ao passado é vivido em intensidade e significado de coisas do presente — talvez faça com que elas se comportem como fatos absolutos e atemporais, as memórias se comportariam como códigos de programação. Ou talvez o paciente experimente uma memória injetada de infância com a mesma força de algo atual, ele se comportaria como se ela sempre esteve lá, e sempre foi assim. Parece que todos os dias ao acordar nos convencemos de que nós somos nós mesmos, repassando em milésimos de segundos o *script* da nossa vida e entrando todo dia no mesmo personagem que, afinal, é o que chamamos de eu. Escrevi na tese que a invenção e a rememoração depois de certo ponto tornam-se quase indistinguíveis como os sabores em um *drink*, mas, deixei essa parte de fora, o que acontece se você bebe demais?

*27 de agosto*

Estou um pouco preocupado com o George. Hoje havia um bilhete embaixo da minha porta: Más notícias, inventei a máquina do tempo. <



**Basílio Baran** é estudante de Psicologia na Universidade Federal do Paraná e autor de dois livros, incluindo a coletânea de contos *Isolamento Social e Outros Paradoxos*. Este conto é um dos ganhadores da 5ª edição do Concurso Literário Luci Collin, promovido durante a XXV Semana de Letras da UFPR.

## EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

**Carlos Massa Ratinho Junior**

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

**Luciana Casagrande Pereira**

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

**Luiz Felipe Leprevost**

Editor interino

**Hiago Rizzi**

Redatores

**Hiago Rizzi**

**Isabella Serena**

**Luiz Felipe Cunha**

Estagiária

**Juliana Sehn**

Design Gráfico

**Rita Solieri**

Diagramação

**Junior Milek**

Colaboradores desta edição

**Adonis**

**Basílio Baran**

**Daniele Rosa**

**Enzo Giordani**

**Kalil Sayão Perusso**

**Michel Sleiman**

Ilustração de capa

**Livia Deboni**

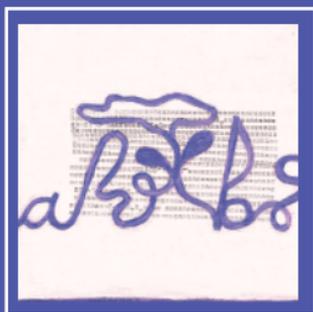


# Cândido

[imprensa@bpp.pr.gov.br](mailto:imprensa@bpp.pr.gov.br)

[candido.bpp.pr.com.br](http://candido.bpp.pr.com.br)

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)



BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ



**PARANÁ**   
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DA CULTURA